

ALFAGUARA

# Javier Marías

## O homem sentimental



Tradução de Salvato Teles de Menezes

*A Daniella Pittarello, que talvez continue a existir*

*Penso-me no amor, e sonho-me fora dele.*

HAZLITT

«Não sei se vos conte os meus sonhos. São sonhos velhos, fora de moda, mais próprios de um adolescente do que de um cidadão. São simultaneamente prenhes de episódios e precisos, um pouco vagarosos ainda que de grande colorido, como os que poderia ter uma alma fantasiosa mas no fundo simples, uma alma muito organizada. São sonhos que acabam por cansar um pouco, porque quem os tem acorda sempre antes do seu desenlace, como se o impulso onírico se esgotasse na representação dos pormenores e se desinteressasse do resultado, como se a atividade de sonhar fosse a única ainda ideal e sem objetivo. Não conheço, por isso, o final dos meus sonhos, e pode revelar desconsideração relatá-los sem estar em condições de oferecer uma conclusão ou um ensinamento. A única coisa que posso acrescentar em meu abono é que escrevo a partir dessa forma de duração — esse lugar da minha eternidade — que me escolheu.

Contudo, o que sonhei esta manhã, quando já era de dia, é uma coisa que de facto aconteceu e que me aconteceu quando era um pouco mais jovem, ou menos velho do que agora, embora ainda não tenha acabado.

Há quatro anos, viajei, por causa do meu trabalho (sou cantor) e imediatamente antes de ultrapassar miraculosamente o medo que tenho de andar de avião, inúmeras vezes de comboio num período de tempo bastante curto, umas seis semanas no total. Estas deslocações breves e contínuas levaram-me à parte ocidental do nosso continente, e foi na penúltima da série (de Edimburgo a Londres, de Londres a Paris e de Paris a Madrid num dia e numa noite) que vi pela primeira vez os três rostos sonhados esta manhã, que são também os que ocuparam parte

da minha imaginação, muito das minhas recordações e da minha vida inteira (respetivamente) desde essa altura até agora, ou durante quatro anos.

A verdade é que demorei a olhá-los, como se alguma coisa me estivesse a advertir ou eu quisesse, sem o saber, atrasar o risco e a sorte que suporia fazê-lo (mas receio que esta ideia pertença mais ao meu sonho que à realidade desse tempo). Tinha estado a ler um volume de fátuas memórias de um escritor austríaco, mas, num dado momento, e como me irritava muito (de facto, esta madrugada fez-me perder as estribeiras), fechei-o e, contra o meu hábito quando viajo de comboio e não vou a conversar, a ler, a rever o meu repertório nem a recordar fracassos ou êxitos, não olhei “diretamente” para a paisagem, mas para os meus companheiros de compartimento. A mulher dormia, os homens estavam acordados.

O primeiro homem, esse, sim, olhava para a paisagem, sentado mesmo à minha frente, com a volumosa cabeça de cabelos encanecidos e ondulados voltada para o seu lado direito e uma mão excessivamente pequena — tanto que parecia não poder pertencer a nenhum corpo verdadeiramente humano — acariciando a face com lentidão. Só podia ver as suas feições de perfil, mas, dentro da essencial ambiguidade da sua idade — um desses físicos um pouco feéricos que dão a impressão de estarem a aguentar mais do que devem as pressões do tempo, como se a ameaça de uma morte repentina e a esperança de ficarem fixados para sempre numa imagem incólume os compensasse do esforço —, aparentava ser mais velho em virtude daquela abundante vegetação prateada que o coroava e de duas fissuras — incisões lenhosas numa pele polida — que, de ambos os lados de uma boca mal desenhada e em princípio inexpressiva, faziam pensar, contudo, numa personalidade propensa a sorrir ao longo de lustros quer quando fosse oportuno quer quando não fosse. Naquele momento dos seus anos indefiníveis adivinhava-se que era um ser aprazível e pequeno e endinheirado, com umas calças elegantes mas um pouco coçadas e levemente curtas — as canelas quase

a descoberto — e um casaco flamante cujo tecido misturava demasiadas cores. Um homem a quem a riqueza alcançou com atraso, pensei; talvez um homem de média empresa, independente mas esforçado. Como me faltava o seu olhar, que dedicava ao exterior, não podia dizer se se tratava de um indivíduo animado ou sombrio (embora estivesse muito perfumado, denunciando uma garridice murcha mas ainda intacta). Seja como for, olhava com extraordinária atenção, dir-se-ia que com loquacidade, como se estivesse a assistir à instantânea realização de um desenho ou o que se oferecesse aos seus olhos fosse água ou então fogo, dos quais às vezes tanto custa afastar a vista. Mas a paisagem nunca é dramática como é a realização de um desenho ou a água movediça ou o fogo trémulo, e é essa a razão por que observá-los descansa os fatigados e aborrece os que não se cansam. Eu, apesar do meu aspeto fornido e de uma saúde de que me não posso queixar tendo um conta que a minha profissão a exige de autêntico ferro, canso-me muitíssimo, motivo por que optei por observar a paisagem, “indiretamente” e através dos olhos invisíveis do homem das mãos pequenas, das calças elegantes e do casaco licencioso. Mas como já estava a anoitecer quase não vi nada — apenas baixos-relevos —, e pensei que talvez o homem estivesse a observar-se a si mesmo no vidro. Pelo menos eu, depois de alguns minutos, quando por fim ocorreu o suave vencimento da luz após o mínimo fulgor vacilante de um entardecer ainda setentrional, vi-o duplicado, desdobrado, repetido, quase com tanta nitidez no vidro da janela como na realidade. Indubitavelmente, decidi, o homem perscrutava os seus traços fisionómicos, olhava-se a si mesmo.

O segundo homem, sentado na minha diagonal, mantinha um olhar imutável dirigido para a frente. Era uma dessas cabeças cuja simples contemplação traz desassossego à alma de quem ainda tem diante de si um caminho por esclarecer, ou, dito de outra maneira, de quem ainda depende do seu próprio esforço. A calvície, que tinha de ser prematura, não enfraquecera a sua satisfação nem o convencimento da sua sede de dominação,

e também não havia temperado — nem sequer nublado — a expressão penetrante de uns olhos acostumados a passar rapidamente pelas coisas do mundo — acostumados a ser mimados pelas coisas do mundo — e que tinham a cor do conhaque. A sua insegurança pessoal apenas se tinha permitido pagar o tributo de um esmerado bigode preto que dissimulasse as feições plebeias e reduzisse um pouco a incipiente gordura — que a olhos por ele submetidos ainda poderia ter passado por vigor — da cabeça e do pescoço e do tórax que propendia para a convexidade. Aquele homem era um potentado, um ambicioso, um político, um explorador, e a sua indumentária, sobretudo o casaco brilhante e a gravata com alfinete, parecia provir do outro lado do oceano, ou então de uma delicada concessão europeia ao estilo que se julga elegante no ultramar. Seria dez anos mais velho do que eu, mas uma veia convulsa imediatamente reconhecível no esboço de sorriso que de vez em quando os seus volumosos lábios ensaiavam em silêncio — como quem muda de posição, ou cruza e descruza as pernas, só isso — fez-me crer que aquele sujeito tão prepotente albergaria na sua personalidade um elemento infantil que, em conjunto com o seu rotundo físico, faria oscilar a reação de quem o captasse entre a irrisão e o terror, com umas gotas de compaixão irracional. Talvez fosse isso a única coisa que lhe faltava na vida: que os seus desejos fossem atendidos e cumpridos sem necessidade de os dar a conhecer. Ainda na segurança de os conseguir, talvez se visse na obrigação de recorrer uma e outra vez a artimanhas, ameaças, imprecações, desmaios. Mas provavelmente só para se divertir, provavelmente para pôr periodicamente à prova os seus dotes histriónicos e não perder a flexibilidade. Provavelmente para subjugar melhor, pois bem sei que não há submissão mais eficaz nem mais duradoira do que a que se edifica sobre o que é fingido, ou, mais ainda, sobre o que nunca existiu. Este homem, que no meu sonho julguei desde o início ser tão pusilânime como tirânico, não olhou para mim — como também não o fez o outro — uma única vez, pelo menos enquanto me pude aperceber, isto é, enquanto o observava.

Este homem sobre quem agora sei demasiado olhava, como digo, impassível, para a frente, como se no lugar vazio que certamente não via estivesse escrita a relação pormenorizada de um futuro por ele conhecido que se limitasse a verificar.

Assim como este sujeito explorador deixava ver inteiramente o seu semblante e o indivíduo um pouco feérico apenas o perfil, a mulher que estava sentada entre os dois, com quem os homens talvez viajassem ou talvez não, não possuía rosto de momento. Tinha a cabeça levantada, mas o cabelo castanho e liso deliberadamente caído para a frente cobria-lhe a cara, possivelmente para preservar da luz o leve sono ferroviário, possivelmente para também não oferecer de balde a imagem de intimidade e abandono que ela própria desconheceria, a sua imagem adormecida e sem vida. Tinha as pernas cruzadas, e as botas inverniais de saltos reduzidíssimos só deixavam ver a parte superior da barriga da perna, que, prolongada num joelho sobre o qual o ténue brilho das meias se intensificava, terminava na orla de uma saia preta que me pareceu de antílope. Toda a figura, privada do rosto, produzia uma sensação de impecabilidade, de fixidez, de acabamento e conformidade, como se nela já não coubessem mudanças, nem emenda, nem negação — como os dias já terminados, como as lendas, como a liturgia das religiões firmes, como os quadros de séculos passados em que ninguém se atreve a tocar. As mãos, apoiadas no regaço, descansavam por sua vez uma sobre a outra, a direita com a palma aberta, a esquerda — caída perpendicularmente — com o punho semicerrado. Mas o polegar desta mão — dedos longos, dedos um pouco nodosos, como de alguém que vai tendo antes de tempo a tentação de dizer adeus à juventude — movia-se intermitentemente com leveza, como são por vezes os movimentos involuntários e de carácter espasmódico dos que dormem contrariados. Usava um anacrónico colar de pérolas; usava uma estola vermelha ao pescoço; usava um anel duplo de prata no dedo médio.

A melena, que sem dúvida dispusera daquela maneira com um único gesto da cabeça muitas vezes praticado, não permitia



sequer imaginar o conjunto das suas feições a partir de um só traço visível, tão densamente caía como um véu opaco. Por isso, observei detidamente as suas mãos. Além do movimento do polegar, houve outra coisa que me chamou a atenção: não tanto as unhas — firmes, esbranquiçadas, cuidadas — quanto a pele que as rodeava parecia atrozmente mordida ou queimada, a ponto de poder dizer-se que a dos dedos indicadores — porque era sobretudo a desses dedos — não existia e duvidar de que alguma vez tivesse existido. As bordas daquelas unhas tinham sofrido uma alteração epidérmica grave que deixara como sinal uma cor vermelha e feia, característica de uma inflamação, ou estavam em carne viva. Pensei que, se fosse o segundo caso (pois não conseguia distinguir bem), aquele trabalho não se devia assim tanto aos incisivos não vistos da mulher que dormia e da criança que fora no tempo próprio, pois a atrofia — e era disso que parecia tratar-se — necessita não menos da vontade de supressão sistemática que da mais temporal das coisas que existem e a que também melhor distrai todas as coisas da sua temporalidade: o costume (ou a sua filha sempre tardia, a lei, que é simultaneamente aquilo que anuncia que o tempo do hábito está a passar e o fim da distração). Estava a começar a divagar um pouco sobre estas questões das quais não entendo nada nem nada sei na realidade, quando uma forte sacudidela lateral do comboio fez com que de repente aquele cabelo castanho e luminoso e liso deixasse momentaneamente a descoberto o rosto que resguardava. Esse rosto não despertou, e poucos segundos passaram até tudo voltar à sua posição, mas nos lábios grandes e apertados e tensos, nas pálpebras cerradas e tensas e percorridas por minúsculas veias avermelhadas (nos olhos fechados não vistos), vi que a mulher que dormia estava em aflição, como dizer? Talvez tenha visto que era afligida por dissoluções melancólicas.

— Não quero morrer como um imbecil — disse pouco tempo depois a esta mulher num quarto de hotel estreito e escuro e de uma sordidez que na altura não fui capaz de perceber, com as paredes nuas e as colchas cinzentas ou talvez de luto ou simplesmente vistas por alto e atiradas para o chão alcatifado limpo mas enegrecido e no qual não havia espaço nem para caminhar, com duas malas meio desfeitas a ocupar o espaço por onde se teria podido caminhar até uma casa de banho tão vazia e tão branca, que duas escovas de dentes — vermelha e verde —, colocadas num mesmo copo cujo papel de celofane desapareceu sem que soubéssemos em que momento ou quem o fizera desaparecer, atraíam a atenção como o punhal atrai a mão ou o ferro o íman, a ponto de, quando uma das escovas faltou na última noite que lá passei, o aspeto da louça e dos ladrilhos e dos azulejos se ter tingido com o vermelho da que ficou, e esta cor ter chegado a anexar o preto do estojo que deixei em cima da prateleira de vidro para que depois da partida houvesse uma mudança ou houvesse luto na casa de banho tão vazia e tão branca e à qual mal se podia chegar através das malas meio desfeitas e das colchas vistas por alto e atiradas para o chão quando num quarto de hotel disse pouco depois a essa mesma mulher: — Não quero morrer como um imbecil, e, uma vez que neste ou naquele dia terei mesmo de morrer, quero acima de tudo cuidar no meu tempo da única coisa que é certa e irremediável, mas quero sobretudo cuidar da forma da minha morte porque é a forma aquilo que em contrapartida não é tão certo nem irremediável. É da forma da nossa morte que devemos cuidar, e para cuidar dela devemos cuidar da nossa vida, porque será esta, sem ser nada em si mesma

quando terminar e for substituída, a única coisa que contudo será capaz de nos fazer saber no fim de contas se morremos como um imbecil ou se morremos aceitavelmente. Tu és a minha vida e o meu amor e a minha vida de conhecimento, e porque és a minha vida não quero ter a meu lado outra pessoa que não sejas tu quando morrer. Mas não quero que chegues subitamente ao meu leito de morte depois de saberes que estou agonizante, nem que acorras ao meu enterro para te despedires de mim quando eu já não te veja nem possa cheirar-te nem possa beijar o teu rosto, e muito menos que aceites ou procures acompanhar-me nos meus últimos anos de vida porque tenhamos sobrevivido os dois às nossas respetivas e lastimosas ou separadas vidas, pois isso não me satisfaz. O que quero é que na hora da minha morte aquilo que ali esteja presente seja a encarnação da minha vida, que não será outra coisa que aquilo que esta *tenha sido*, e para que tu a tenhas sido é também necessário que hajas estado a meu lado desde agora e até esse meu momento definitivo. Não conseguiria suportar que nessa hora tu fosses apenas recordação e estivesse misturada, e pertencesse a um tempo remoto e confuso que é o nosso nítido tempo agora, porque é a recordação e o tempo remoto e a mistura o que mais detesto e o que sempre tentei diminuir e negar, e enterrar à medida que se iam formando, à medida que cada presente estimado e enaltecido deixava de o ser para ser passado, e ia sendo vencido por aquilo que não sei como chamar se não lhe chamo a sua própria e impaciente posteridade ou o seu não-agora. Por isso, não debes partir agora, porque se partes agora tiras-me não só a minha vida e o meu amor e a minha vida de conhecimento, mas também a forma da minha morte escolhida.

Ainda recordo perfeitamente como ela me ouvia deitada na cama de um quarto de hotel: estava descalça mas ainda vestida, apoiada nos cotovelos e com as pernas dobradas; a saia cinzenta um pouco subida deixando ver parte da coxa, a cabeleira castanha e luminosa e lisa inclinada para o lado contrário daquele em que eu estava; e o doce olhar irónico e grave tão fixado nos meus

incessantes lábios que me fez sentir que eu era apenas lábios e que os meus lábios eram os únicos responsáveis e artífices de quanto deles saía.

— E se eu morresse antes?

— Tudo pode acontecer — respondi de imediato. Mas creio que o fiz para dissimular ou aplacar um pouco (fi-lo para ganhar tempo) a única outra resposta comum e admissível que veio de seguida, a que ela esperava e também teria esperado qualquer mortal que naquele momento tivesse estado, como ela estava, deitado naquela cama: “Mas a tua morte seria também a minha.”

— Mas a tua morte seria também a minha — disse a essa mulher, e assim, tal como acontece na ópera, repeti-o também várias vezes no meu sonho desta manhã.

A minha profissão obriga-me a ter frequentemente uma vida muito solitária nas grandes capitais do mundo, e Madrid, a cidade onde passei boa parte da minha infância e da minha adolescência, não foi uma exceção há quatro anos. Mais ainda, depois de muito tempo sem ter passado por lá, a cidade pareceu-me solitária e triste como poucas, nas minhas inúmeras viagens pelo estrangeiro. Ainda mais do que as cidades inglesas, que são as piores do globo, as mais enfermiças e as mais hostis; ainda mais do que as da Alemanha de Leste, nas quais há tanta disciplina e tanto amortecimento que passear pela rua a assobiar produz o efeito de um cataclismo; ainda mais do que as suíças, que pelo menos são limpas e calmas e dão uma oportunidade à imaginação pelo próprio facto de não dizerem nada.

Madrid, pelo contrário, parece ter pressa de dizer tudo, como se estivesse consciente de que a sua única possibilidade de conquistar o viajante reside no aturdimento e na veemência sem freio. Não se permite, portanto, nenhuma expectativa duradoira, nenhuma advertência ou reserva, e com isso tão-pouco permite ao visitante (não digamos ao residente perpetuamente fustigado) a menor esperança imaginativa ou imaginária de que possa existir outra coisa — oculta, não expressa, omitida ou apenas contingente — para lá do que se lhe oferece impudicamente quando dá uns passos pelas suas ruas sujas e asfixiadas. Madrid é rústica e chocarreira e não encerra qualquer mistério, e não há nada de tão triste ou de tão solitário como uma cidade sem enigma aparente ou aparência de enigma, nada de tão dissuasório, nada de tão opressivo para o visitante. Eu, tanto no meu sonho como há quatro anos, era um visitante desta cidade apesar de nela ter

vivido, ou nos seus arrabaldes, quando era apenas uma criança e dependia inteiramente do meu padrinho, que me acolheu e transferiu para lá de Barcelona na altura da morte de minha mãe. (Fui durante vários lustros aquilo que se chama um parente pobre: fui-o literalmente, e foi nessa época que residi em Madrid. Ao contrário, embora há quatro anos já tivesse deixado de ser há muito um parente pobre e ganhasse a vida bastante bem, então, em virtude da minha longuíssima ausência e do escassíssimo contacto mantido com o meu antigo benfeitor desde a minha emancipação, era tão visitante de Madrid como tinha sido de Veneza e Milão e Edimburgo algumas semanas antes.)

A todas estas cidades, como disse, levava-me e ainda me continua a levar a minha profissão, uma das mais tristes e solitárias que existem, apesar do que o comum dos mortais — que só nos vê no palco, nas capas dos discos, nos cartazes e numa ou noutra gala televisiva: isto é, sempre maquilhados — pensa de nós. Porque o certo é que em essência não nos diferenciamos muito dos caixeiros-viajantes, com a ressalva de que este ofício vai deixando de existir, está em vias de extinção, sem dúvida porque os responsáveis das empresas, sendo em geral indivíduos muito pragmáticos e pouco humanitários, deram conta de que ninguém pode ter uma vida tão dispersa e dura. Conheci caixeiros-viajantes que acabaram no manicómio, ou assassinando um provável cliente, ou suicidando-se num hotel de luxo, conscientes de que os insólitos excessos (piscina interior, sauna, massagens, *hard drinks*, mas sobretudo a lavandaria) seriam inutilmente descontados de um salário póstumo que tinham tido o cuidado de ultrapassar e que, fosse como fosse, ninguém iria receber. Pelo menos morrer com o fato passado a ferro.

Nós, cantores de ópera, vamos sempre para hotéis de luxo e os nossos excessos não são insólitos nem são excessos, antes a norma e até a exigência, mas a vida na cidade para onde vamos trabalhar não é muito diferente da de um caixeiro-viajante. Em cada um dos hotéis em que me hospedei — em cada um dos hotéis em que portanto estava um cantor —, havia pelo menos

um caixeiro-viajante que, durante os dias da minha estada, cortava as veias num banho cheio de espuma ou esfaqueava sem piedade um paquete, se despia velozmente no vestíbulo ou levantava no elevador a saia da mulher de um membro qualquer de um governo qualquer, pegava fogo a um tapete ou despedaçava com o extintor os espelhos do seu quarto de luxo. E sempre, antes ou depois dos seus desatinos, notei uma ou outra modalidade de identificação com eles neste ou naquele pormenor, num gesto de cansaço crónico que surpreendi no caixeiro quando coincidimos no elevador noite adiantada, a gravata torta e os olhos mansos; num olhar partilhado e oblíquo de paciência ou de derrota; na maneira de alisar dissimuladamente o cabelo ou passar um lenço pela testa; na forma pouco original de suicídio. Às vezes encontrei-me com esse caixeiro-viajante moribundo no bar do hotel, cada um sentado no seu banco a escassos metros de distância, deixando passar uma hora já morta nessa zona que se pretende conhecer logo, mal uma pessoa se instala, para dispor de um terceiro refúgio ou pretexto (o primeiro é o quarto; o vestíbulo, o segundo) que nos resguarde e nos impeça de sair para a rua imediatamente, para a cidade nova e desconhecida e desconhecedora, onde tudo nos ignora e nada nos solicita. Nestas ocasiões, contudo, se o caixeiro-viajante chegou porventura a saber o quê ou quem era eu, não me olhou como eu a ele, como a um igual ou a um semelhante, mas com inveja e ressentimento. Mesmo se não chegou a saber: pois as minhas roupas são melhores, a minha autoconfiança mais evidente, a minha maneira de segurar o copo mais desenvolta, as minhas pernas estão sempre cruzadas e soltas, o lenço que passo pela testa mais limpo e dobrado e provavelmente colorido, enquanto o dele está amarrotado e sujo e é branco invariavelmente; a testa dele tem mais rugas. A diferença não está tanto no grau de fama (nulo, no caso dele) ou na consciência da respeitabilidade social proporcionada pelo exercício das nossas respetivas profissões quanto no hábito de pisar um dado tipo de terreno: enquanto o viajante se encontra no hotel de luxo por causa de um desespero extremo e não pode deixar de ser considerado

um intruso — um parente pobre admitido ali excepcionalmente porque ali se vai manifestar a sua perturbação ou celebrar-se a sua morte —, eu sou um artista e um homem do mundo que, embora na realidade se encontre ali por causa do seu trabalho, isto é, por causa de um desespero latente ou que ainda está a incubar, não pode ver a sua própria presença naquele lugar como uma transgressão, um abuso de confiança ou um desafio, mas como rotina; para mim, a minha presença ali ainda não tem, como para ele, um significado simbólico nem o carácter de um ultimato. De maneira nenhuma é um apelo de auxílio, que é o que é, no caso dele. E não augura nada. Todavia, isto não impede que, por vezes, no viajante destruído ou prestes a destruir-se, eu não tenha acreditado ver uma sombra ou uma antecipação do que me espera. Ele chegou ao fim de uma vida solitária e triste, enquanto o cantor de ópera ainda não atingiu o final da sua pela simples razão de que nunca está tão certo como o caixeiro-viajante de que essa sua vida seja efetivamente solitária e triste. Por causa da maquilhagem, tem menos clarividência.

Mas, sem negar todas estas diferenças, insisto no facto de que a vida nas grandes capitais é muito parecida para ambos os ofícios. Nós, cantores de ópera, chegamos a um lugar: somos recebidos no hotel (embora nem sempre, e é claro que nunca no aeroporto ou na estação) e somos levemente agasalhados na primeira noite pelos organizadores (isto é, pelos empresários, pela parte contratante que *finje* ter-nos convidado). Aí acabam as honras e praticamente as amabilidades, porque a partir da manhã seguinte iniciamos um período de uma ou duas ou mesmo três semanas em que temos obrigações estritas a cumprir e a única coisa que fazemos é ensaiar e dormir, quase sem nos afastarmos do percurso que deve ser efectuado entre o hotel e a sala de ensaio ou, quando for caso disso, de gravação. Tendo em conta que os empresários sempre julgam estar a fazer-nos um grande favor ao considerar que o melhor e mais cómodo para nós é que ambos os lugares sejam próximos um do outro, os nossos trajetos pelas cidades que visitamos são com frequência de umas centenas de metros



(a menos que a existência de um velho amigo nessa localidade nos faça desviar ou que por rebeldia ou curiosidade decidamos em contrário). Eu não sou conformista, antes uma exceção, mas tenho colegas para quem uma imensa cidade de milhões de habitantes se reduz a uma ou duas ou três ruas por onde, aliás, só andam a pé. Quando se vai trabalhar para um sítio não se deseja visitar esse sítio; muito pelo contrário, o que nós, cantores de ópera, tentamos é justamente não reparar que nos encontramos num lugar diferente do anterior onde estivemos, para assim procurar evitar a esquizofrenia geográfica (e, no nosso caso, também linguística) que poderia levar-nos ao mesmo fim demente, criminoso ou suicida de tantos caixeiros-viajantes. Para felicidade da maioria dos cantores, um hotel de luxo é sempre parecido com outro hotel de luxo, e uma sala de gravação ou de ensaio bastante parecida com outra sala de gravação ou de ensaio; e, por fim, um público que aclama e aplaude bastante parecido com outro público que mais ou menos faz o mesmo, o que faz com que muitos dos meus colegas se convençam — de vez em quando — de que quando abandonam a sua casa e viajam por razões de trabalho para outro país ou outra localidade, o país ou a localidade em questão não variam, são sempre os mesmos. Mediante esta ficção, procuram criar a ideia de que não são seres anormais ou itinerantes, de que não são diferentes, por exemplo, daqueles professores universitários que vivem numa capital e ensinam numa cidade de província agrupando as aulas em dois dias da semana, nem dos futebolistas, que só estão fora sábados e domingos (e os internacionais algumas quartas-feiras); e de que são, por sua vez, diferentes dos conferencistas profissionais, dos tenistas, dos jogadores de golfe, dos toureiros durante a temporada e dos caixeiros-viajantes.

Durante as nossas estadas nas cidades tentamos, portanto — e ainda que não o tentássemos não conseguiríamos outra coisa —, não manter em geral contacto senão com os do nosso próprio ofício: os outros intérpretes da ópera em que vamos participar, os integrantes do coro (se houver), os figurantes e os

músicos da orquestra, gente também bastante parecida em todo o lado, de modo que não será aí que iremos ver sublinhado o facto desgraçado e perturbador de estarmos num lugar que não é em absoluto o de há uns dias nem de há umas semanas nem de há uns meses nem mesmo de há uns anos. Mas o problema de levar esta ilusão até às últimas consequências assenta no facto de que, se se der realmente o caso de o lugar ser o mesmo em todas as ocasiões (como pretendemos simular perante a nossa consciência), não restam dúvidas de que assim já teríamos feito amizades aí e aí nos sentiríamos como numa segunda casa; ou, ainda mais, aí *teríamos* uma segunda casa, e não nos alojariamos num hotel. Mas, não sendo assim, a nossa vida, apesar de todos os esforços de imaginação e de todas as comodidades, apesar do muito dinheiro que ganhamos, apesar dos ramos de flores, dos cumprimentos, das ovações e das apoteoses, acaba por ser na sua essência como a dos caixeiros-viajantes — que não obstante estão a extinguir-se —, pelo menos enquanto dura cada uma das nossas tristes e solitárias passagens pelas grandes capitais do mundo. E passamos a vida a passar por elas.

Mas eu não sou como a maioria dos cantores. Depois das longas, insatisfatórias, frequentemente irritantes sessões de ensaio, o que mais me desagrada é precisamente a companhia dos meus colegas e dos músicos da orquestra (primeiro violino e maestro incluídos), não só porque permanecer com eles supõe em certa medida um inconsciente prolongamento do trabalho, mas também porque com eles, de facto, só se pode falar desse trabalho ou do mundo que o rodeia, o que quer dizer de música ou do mundo da música, e falar de música é coisa a que não atribuo o menor sentido, para não dizer que sempre considere isso algo de fatigante e árido ou frustrante e estúpido. Ou se fala tecnicamente, e isso é um trabalho fatigante e árido, ou se fala sentimentalmente, e isso é tagarelice frustrante e estúpida. E a verdade é que fora disso os meus colegas só dão para conversas de funcionários públicos porque têm espírito de funcionários públicos. Aliás, e ao contrário da maioria deles, eu gosto de notar que estou

num sítio novo e desconhecido; entrar nos lugares públicos para ter bem presente que ali se fala uma língua que conheço imperfeitamente ou não conheço de todo; fixar com atenção as roupas e os chapéus (já se veem poucos) que os cidadãos gostam de usar na rua; comprovar se as lojas estão cheias ou vazias às horas de expediente; olhar a distribuição das notícias nos jornais; contemplar edifícios que só podemos encontrar nesse sítio do mundo; observar os tipos gráficos que predominam nos anúncios das lojas (lê-los como um selvagem embora não perceba nada); perscrutar os rostos no metro e nos autocarros que frequento com esse propósito; individualizar essas caras, imaginar se poderia ou não encontrá-las noutro lado; perder-me deliberadamente nos bairros onde já aprendi a desorientar-me, isto é, com o mapa na mão, se for preciso; captar a inimitável cadência com que o dia languesce em cada ponto do globo e o instante indeciso e variável em que as luzes se acendem; pisar onde as pisadas não deixam rasto, no luminoso asfalto das manhãs ou num empedrado poeirento e vetusto que um único candeeiro ilumina ao cair da tarde; visitar os bares cheios de murmúrios indistintos, felizes na sua insignificância e que tudo cobrem e apagam; misturar-me com as pessoas nas ruas brancas meridionais ou nas cinzentas avenidas setentrionais à hora declinante dos passeios ou do recolhimento e da breve trégua; ver como as mulheres saem arranjadas ao entardecer ou talvez à noite, ver como as aguardam os carros de mil cores; imaginar os serões que as esperam; perder tempo. E em cada cidade a que vou gostaria de conhecer pessoas, conhecer estas mulheres, que provavelmente entram tão elegantes nos seus automóveis de esmalte impecável para ir à ópera e ouvir cantar o *Leão de Nápoles*: para me irem ver.

Agora que já sou bastante famoso porque de vez em quando apareço nas televisões do mundo, consigo conhecer superficialmente uma ou outra pessoa onde quer que viaje; quase sempre, contudo, admiradores cujas dúvidas e uniformidade me aborrecem. Mas há quatro anos, quando ainda tinha de me conformar com papéis de Spoletta, de Trabuco, de Dancairo e mesmo

de Monostatos (este papel é bom, mas odiava disfarçar-me de negro calvo), tornava-se impossível estabelecer qualquer género de relação com os habitantes dessas cidades, que me limitava a olhar como se olha no anúncio de um jornal estrangeiro lido em casa a promessa de um espetáculo. Por isso, e apesar das minhas inclinações, da minha curiosidade, do meu inconformismo, em muitas ocasiões acabava por claudicar e fazer também eu o tipo de vida monótona, indolente e pouco imaginativa dos cantores. Exasperava-me não me poder confundir com a população local para lá do puramente físico e acessório (partilhar o seu espaço ou, no máximo, roçar pelas pessoas nos transportes públicos), não poder participar nos negócios e canseiras que tinham entre mãos diante dos meus próprios olhos, nem nos movimentos expeditos, quase mecânicos — que denotavam um objetivo, um cálculo, uma ocupação, pressa —, dos transeuntes e dos automobilistas que passavam incessantemente diante da minha vista em qualquer ponto da capital e a qualquer hora que escolhesse para os meus extravios. Irritava-me não ser um deles; irritava-me não poder partilhar das suas almas. Até o vestíbulo do hotel, por definição carregado de forasteiros, de gente — como eu — de passagem, me produzia infinito desassossego e inveja: todos, mesmo os que estavam visivelmente a esperar, a descansar ou a fazer tempo, dão a impressão de saber tão bem o que pretendem, todos parecem tão atarefados, tão decididos, tão prestes a encaminharem-se para algum lugar cuja existência adquire sentido por estar à espera deles, tão absortos nas suas atividades presentes ou iminentes ou sonhadas ou projetadas, que a consciência das minhas horas mortas deprimia-me imenso, e durante as minhas estadas acabava por desfrutar apenas do momento da manhã em que eu próprio atravessava esse vestíbulo com uma pasta cheia de partituras e anotações para sair e dirigir-me para a sala de ensaio, bem como os escassos minutos que durava o meu trajeto até lá: o único momento do dia em que o meu aspeto e o meu andar e os meus ademanes podiam assimilar-se aos dos outros, o único momento em que também eu, como os afortunados cidadãos sedentários,

estava condenado a guiar os meus passos, sem outra opção, para um sítio concreto e preestabelecido e — o que ainda tinha mais importância — fixado de antemão por alguns membros (os empresários de ópera) dessa comunidade misteriosa e esquiva. Durante esse trajeto caminhava com rapidez e determinação, o olhar erguido e em frente, sem me deter senão nos semáforos, sem me distrair com os rostos ou os edifícios, imerso na enchente ensimesmada, anónima e mutável da manhã, sabendo — desta vez — para onde ia e para onde tinha de ir. Gozava incomensuravelmente esse momento único, tão breve como ansiado, em que por fim podia fazer-me passar junto deles por um deles e, por conseguinte, não sentia nenhum desejo de conhecer ninguém que não conhecesse já. Porque se dá por garantido que quem vive continuamente numa cidade tem — para o bem ou para o mal, para sua satisfação ou para sua insatisfação — mais ou menos preenchida a quota de conhecimentos.

Nos momentos de ociosidade, ao invés, uma vez de regresso ao hotel e sobretudo quando depois das sessões de ensaio tinha já deambulado pela cidade muito tempo sem resultados — sentindo-me sempre parte integrante do que nas grandes capitais chamam população flutuante —, a única possibilidade que me restava de conhecer alguém, ainda que fosse um forasteiro ou um estrangeiro como eu, era o vestíbulo e o bar do hotel, onde, como disse, a única pessoa em geral disponível e pronta a iniciar uma conversa de qualquer índole (sem que houvesse interesse monetário ou sexual pelo meio, que segundo o caso não são bons condutos para partilhar das almas) era o caixeiro-viajante que nessas precisas datas tivesse decidido hospedar-se nesse preciso hotel de luxo para comprovar fugazmente que, mesmo longe das pátrias e entre os que viajam, existem outras vidas em que as roupas estão sempre passadas a ferro e, com isso, completar o seu desespero extremo e reafirmar a sua rebelião ou morte.

## O romance que inaugura a fase mais intimista da obra do imortal Javier Marías.

Decorreram quatro anos desde que o cantor lírico León de Nápoles viu pela primeira vez, no comboio entre Veneza e Madrid, Natalia Manur, acompanhada pelo marido, um abastado banqueiro, e pelo misterioso Dato. É nessa carruagem e entre estas quatro personagens que começa uma história de paixões levada até às últimas consequências. Em torno dos protagonistas, gravitam outras figuras: uma prostituta sempre com pressa, uma antiga estrela da ópera, um meticuloso viúvo, um velho amor. Quem será, no fim de contas, o «homem sentimental»? Um artista e pensador, ou um homem de negócios e de ação?

Frequentemente comparado com obras de Proust e de Unamuno — pelo refinamento literário e pela engenhosa construção das personagens e do enredo —, *O homem sentimental* é um romance de amor em que o amor não é visto nem vivido, mas antes intuído e lembrado, como se a sua essência fosse a melancolia e o mistério. Uma história cujo ritmo acelera progressivamente, atravessada pela habitual ironia fina de Javier Marías, que a conduz a um imprevisível desfecho.



### PRÉMIO INTERNACIONAL DE ROMANCE ENNIO FLAIANO

«Falar da mestria de Javier Marías é um lugar-comum, mas é indisputável. Este é um romance excelente. Subtil na análise psicológica, preciosista no desenvolvimento narrativo, inesperado no desenlace.»




MANUEL ALVAR, *ABC*

«Usando três vértices — diz-nos Marías, como se se tratasse do auge literário de um princípio geométrico —, cria-se um mundo de figuras e relações infinitas.»

JUAN BENET



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

 penguinlivros.pt  
 penguinlivros  
 alfaguaraeditora

ISBN 9789897848643



9 789897 848643 >